

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XIX Jornada de Extensão

A IMPORTÂNCIA DO “NÃO” NA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO¹ **THE IMPORTANCE OF THE “NO” IN THE CONSTITUTION OF THE SUBJECT**

Luiz Felipe Vieira Amaral², Joana Patias Goi³, Ângela Maria Schneider Drügg⁴, Aparecida De Fátima Hortencio Siqueira⁵, João Vitor Alegranzi Rodrigues⁶

¹ Estágio Básico em Psicologia 1

² Aluno do Curso de Graduação em Psicologia da UNIJUI, felipe.amaral2011@live.com

³ Aluna do Curso de Graduação em Psicologia da UNIJUI, jpgoi@hotmail.com

⁴ Professora do Curso de Graduação em Psicologia da UNIJUI, Orientadora do Estágio Básico em Psicologia I, Doutora em Educação pela UFRGS

⁵ Aluna do Curso de Graduação em Psicologia da UNIJUI, cidinhaabreu39@gmail.com

⁶ Aluno do Curso de Graduação em Psicologia da UNIJUI, joao.alegranzi@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Aborda-se, a partir de um caso clínico de criança acompanhado em um grupo terapêutico, questões do desenvolvimento infantil, seguindo um viés psicanalítico. As teorias desenvolvidas pelos trabalhos inaugurais da psicanálise, de Sigmund Freud, abrangem inúmeros aspectos da subjetividade humana e introduzem o conceito de sexualidade infantil associado ao processo de constituição psíquica. Tal teoria atravessa o trabalho com crianças, especificamente dentro de um espaço institucional direcionado a elas, o CAPS infantil, onde se desenvolve o Estágio Básico em Psicologia I, do curso de Psicologia, da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. A partir da entrada nesse espaço, a atuação dos alunos de Psicologia possibilita a integração teoria-prática e produz, além de experiência, questionamentos quanto aos casos observados. Pretende-se, assim, demonstrar a relevância dos estudos psicanalíticos sobre a constituição do sujeito, associados à prática de estágio, e a importância dos jogos enquanto constitutivos para as crianças.

METODOLOGIA

O grupo, do tipo operativo, tem carácter terapêutico, e o utiliza o brincar como ferramenta para elaborar conflitos e traumas. Para o desenvolvimento das atividades são disponibilizados às crianças alguns jogos, materiais para desenho, pintura, recorte, sucata e alguns brinquedos, além da área externa que possui pracinha, há um bosque localizado próximo ao CAPSI, onde também há brinquedos.

As atividades são coordenadas pelos estagiários, que fazem intervenções com objetivo de que o brincar aconteça, uma vez que brincar é a tarefa destes grupos operativos. O encontro acontece uma vez na semana com quatro horas de duração.

A partir dos casos observados na prática de estágio buscou-se trazer um caso para discussão.

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XIX Jornada de Extensão

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Um menino de um grupo terapêutico nos chamou atenção por sua reação no desenvolvimento de uma atividade, quando as crianças brincavam com um jogo de regras. No andamento do jogo, ele expressou um comportamento incomum, jogando-se no chão, empurrando cadeiras e mesa, juntamente com o volume alterado da voz. O fato ocorreu, pois, em dado momento foi imposta uma regra do jogo, em que ele ficaria uma rodada sem jogar. Posteriormente, em relato, trazido pela mãe num atendimento, fomos informados que esta criança expressa dificuldades em aceitar o “não”, apresentando um comportamentopositor quando lhe são impostos limites.

A psicanálise nos mostra que para aceitar limites a criança precisa atravessar um certo percurso no seu processo de constituição psíquica. Num primeiro momento de sua infância, é tomada pelo amor transbordante da família parental, é capturado pelo olhar do primeiro grande Outro (a mãe), é banhada pela linguagem. É, neste momento, remetida a uma cadeia de significantes que será um elemento que lhe estabelecerá lugar de onde ele poderá iniciar o seu reconhecimento e sua construção subjetiva.

Através dos cuidados básicos da mãe, que pulsionalizará o pequeno corpo e lhe dará sentido, tomando este como objeto de seu gozo, o pequeno será o falo, o complemento de que essa mãe precisa. Este primeiro momento simbiótico é constitutivo, mas num segundo tempo a mãe deve abrir caminho para inserção de um terceiro representante da lei, o pai.

Neste caso pode-se começar a analisar efeitos da separação dos pais no comportamento do menino. O pai esteve ausente durante algum tempo, mas a mãe relata que recentemente eles voltaram a morar juntos. Ele não consegue dizer não para o filho, e esta atitude acontece como uma forma de compensar a ausência em períodos passados. O menino por sua vez tem dificuldades com este pai e demonstra agressividade em relação a ele. Percebe-se no seu brincar que o pai nunca é representado. Ao mesmo tempo a mãe, que também apresenta comprometimento psíquico, também não consegue trazer o não, ou seja, impor limites.

A função paterna tem um papel estruturador, pois trará uma ordem de coisas ao pequeno infante que ultrapassa o amor alienante da relação primordial. Esta ordem terceira que vem entrar como intrusa na relação mãe e bebê, manifesta-se através de normas e regras que introduzirão o “não”, um corte, nesta paixão primordial. Distante da mãe, o pequeno conceberá que existe um mundo que vai para além desta relação, aonde ele pode vir a ser portador do desejo. Neste momento estrutural, a mãe volta o seu olhar para um grande Outro (cultura) e a criança também se voltará ficando remetida ao simbólico, às regras e à lei. “É reconhecido já de longa data o papel estruturador do “não” na vida e no pensamento das pequenas crianças. Entende-se que a função paterna ocupa, para a dupla mãe-bebê, o lugar de terceira instância, orientada pela dimensão social.” (JERUSALINSKY, 2012, p.89)

No brincar, a criança revela os significantes que a representam no desejo dos pais, sua história, os desejos da família, questões que lhe foram antecipadas. “O brincar é o cenário no qual a criança apropria-se dos significantes que a marcaram.” (CORIAT, 1997, p. 201). Toda criança é marcada por significantes, e, para que possa apoderar-se destes, é preciso que saia de uma posição passiva para uma posição ativa. No brincar a criança é dominadora, é ativa, pois é através

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XIX Jornada de Extensão

deste que ela dá conta daquilo que sofreu passivamente e, somente então, começa nomear aquilo que está na ordem do seu desejo.

A importância do brincar para a criança é descrita em 1920 por Sigmund Freud, quando ao observar seu neto brincando com um carretel amarrado a um fio, interpretou assim o movimento do menino:

O que ele fazia era segurar o carretel pelo cordão e com muita perícia arremessá-lo por sobre a borda de sua caminha encortinada, de maneira que aquele desaparecia por entre as cortinas, ao mesmo tempo que o menino proferia seu expressivo 'o-o-ó'. Puxava então o carretel para fora da cama novamente, por meio do cordão, e saudava o seu reaparecimento com um alegre 'da' ('ali'). Essa, então, era a brincadeira completa: desaparecimento e retorno. (FREUD, 1920, p. 26)

A partir dessa observação e de algumas outras relacionadas ao seu brincar, inferiu sobre essa ação uma interpretação que corresponde ao processo de distanciamento da mãe, de forma que seu sofrimento ficasse sob seu próprio controle. Assim, o retorno do objeto representaria o retorno da mãe, configurando uma situação de grande alegria.

Quando no jogo assume esse papel ativo, há o enfrentamento da angústia da criança, que no caso, se detinha à ausência e presença da mãe. Ele brinca de ser ou não ser objeto de desejo materno. Neste brincar sai então de uma posição passiva para ativa, passa a ter seu próprio desejo, adquirindo certa autonomia, conseguindo dar um destino para as suas pulsões causadoras de desprazer e prazer.

Lacan interpreta este mesmo brincar, o *fort-da*, nomeando-o de substituição significante, em que o carretel se torna uma metáfora da mãe e o jogo, uma metáfora de retornos e partidas. A transformação da experiência em jogo faz com que coloque a mãe no local de objeto perdido, numa dimensão simbólica. Sendo assim, controla sua posição como não sendo mais o único objeto de desejo da mãe.

Além dos jogos de simbólicos, existem também os jogos com regras. Estes só se tornam possíveis quando a função paterna operou para a criança.

Os jogos com regras sobrepõem-se aos jogos simbólicos, sendo que a regra supõe relações sociais, diferentemente do símbolo. A regra é uma regularidade imposta pelo grupo, de tal sorte que sua violação representa uma falta. [...] A regra sempre carrega a ideia da obrigação, supondo a existência de pelo menos dois indivíduos. (PINHO, 2001, p. 190)

Retomando o caso do menino do grupo terapêutico, este não consegue seguir as regras do jogo, pois a função paterna não opera suficientemente. Esse não simboliza esta ordem terceira que

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XIX Jornada de Extensão

coloca limites, que faz barreira. Então burla a regra imposta, de tal forma que quando o “não” aparece, há uma desestruturação tornando a situação frustrante.

A instauração da lei, portanto, proveniente da resolução do complexo de Édipo e do complexo de castração, torna possível as relações sociais futuras da criança, permitindo um desenvolvimento na convivência societária. O jogo de regra não seria possível sem o jogo simbólico.

CONCLUSÃO

Dado o exposto, concluímos que o “não” é estruturador na vida de todos os sujeitos. É através deste que a criança pode adentrar no mundo cultural e submeter-se às regras que fundamentam o laço social. O “não” deve ser operante no discurso dos pais, pois este registro terceiro ao mesmo tempo em que coloca limites, vai possibilitar à criança ocupar um lugar na dimensão do social como sujeito de desejo.

REFERÊNCIAS

CORIAT, Elsa. *Psicanálise e clínica de Bebês*. Porto Alegre: Ed. Artes e Ofício, 1997.

FREUD, Sigmund. (1920) Além do princípio de prazer. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standart brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

JERUSALINSKY, Alfredo N. A criança de 1 a 3 anos: Indicadores de Risco para Seu Desenvolvimento. In: *Psiquiatria da infância e adolescência/ POLANCZYK, Guilherme Vanono; LAMBERTE, Maria Teresa Martins Rambo (coordenadores). Psiquiatria da infância e adolescência*. Barueri. SP: Manole, 2012

PINHO, Gerson S. O brincar na clínica interdisciplinar com crianças. In: *Escritos da criança*. Porto Alegre: Centro Lydia Coriat, 2001.